

Luta, resistência e conquista: uma experiência museal na cidade Estrutural

*Equipe de coordenação do Ponto de Memória da Estrutural**

Resumo

O presente artigo discorre sobre a experiência museal oportunizada pelas atividades realizadas no Ponto de Memória da Cidade Estrutural, localizada no Distrito Federal, por meio de exposições, entrevistas, “rodas de memória”, que são registradas e reapresentadas a partir das narrativas de seus moradores. Apresentam aspectos históricos da cidade, as lutas, as conquistas, a resistência e a importância da memória cultural como instrumento de reflexão, cidadania e cultura.

Palavras-chave: Ponto de Memória. Cidade Estrutural. Luta. Resistência. Distrito Federal. Museologia Social.

Pra mim a importância da memória é você ter vivido uma história conscientemente e depois você saber contar essa história com crítica, entender qual foi sua parte. Pra mim isso é um poder, eu acho que quando você tem esse entendimento de memória e quando você vive uma história você tem poder nas mãos. O Ponto de Memória é poderoso por isso, porque ele não tem o poder de uma história, ele tem o poder de várias histórias. (Maria Abadia Teixeira de Jesus, Educadora popular e membro da coordenação Ponto de Memória da Cidade Estrutural).

Introdução

Chegando ao final da rua de casas simples onde se localiza o Ponto de Memória, nos deparamos com um portão grafitado, com pessoas na rua, casas coloridas e expressões que permeiam essa cidade, como hip hop, brincadeiras de rua, o trabalho duro e a desconfiança da polícia.

Na primeira exposição do Ponto de Memória da Estrutural, em 2011, há logo na entrada uma barricada formada de pneus e a seguir vê-se a primeira parede toda forrada com diário oficial do Distrito Federal, que traz o nome dos cidadãos que conquistaram um lote na cidade, um sonho distante conquistado à custa de muita luta, muitas disputas políticas e algumas vidas. Na segunda sala, um segundo grafite, agora basicamente monocromático e figurativo representando as ruas da cidade, suas casas e seus moradores, um deles como se estivesse carregando latas d'água penduradas em um cabo de vassoura sobre os ombros e, atrás, outro empurrando um carro de frete, desses utilizados para recolher matérias recicláveis nas ruas. Voltando à primeira sala, há ainda um tambor de lata de 200 litros como destaque no espaço pela sua dimensão e pelo seu significado numa cidade marcada pela poeira.

Ainda na segunda sala, o texto de apresentação da exposição anuncia:

Esta sala acolhe a memória nossa, moradores e moradoras da Estrutural, memória que se traduz num objeto, numa foto, pedaços de nós mesmos que lembram momentos tristes, momentos sofridos,

momentos de lutas, de resistências, de alegrias. Objetos aqui expostos que eternizam nossas experiências e vivências e que nos remetem de volta aos dias idos, às lutas por um lugar para morar, por um lugar nosso, marcado por nossas histórias. Os nossos objetos que desfilaram no cortejo significaram a união mais uma vez em nossas vidas, agora para reviver o nosso passado, para que possamos sentir mais o presente e construir um futuro de conquistas, e para que não nos esqueçamos disto, consagramos as nossas lembranças no altar das nossas memórias, para que os nossos descendentes saibam do seu passado e da importância deste lugar que hoje é a nossa casa no mundo.

Dando continuidade a essa missão, a segunda exposição. Pelas ruas estreitas da cidade as mulheres tomam a frente do cortejo colorido e musical que tem no seu estandarte o carro chefe a anunciar: *Movimentos da Estrutural: a Mulher e a Cidade*.

O protagonismo é feminino. Na entrada do museu estão penduradas fotografias de mulheres consideradas pelo conselho gestor do Ponto de Memória da Estrutural como símbolos de luta, como Carolina Maria de Jesus, Maria da Penha, Olga Benário, Frida Kahlo, Cora Coralina, Clementina de Jesus, Zilda Arns, Dilma Rousseff, Estamira e Rosa Luxemburgo. Na parede lateral da primeira sala encontram-se fotos em tamanho grande em molduras de vidro de mulheres comuns da cidade em poses, maquiagem e produção escolhidas por elas. As fotos tomam a maior parede do local. No lado oposto a essa parede, tem uma cortina de garrafas pet coloridas com objetos femininos dentro. Na sala interna, destaca-se uma grande colcha de retalhos feita de tricoline e chita em tons de lilás com fotos do *making of* da exposição em tamanho 10x15 cm fixadas de maneira espaçada.

Na segunda sala, desta vez a parede lateral esquerda está repleta de espelinhos de banheiro, daqueles comprados em lojas de R\$ 1,99, dispostos de maneira irregular. Alguns desses espelhos foram substituídos por fotografias de mulheres em seu cotidiano na cidade, permanecendo apenas a moldura fina de madeira, outros o observador adentra o universo ali exposto e percebe a sua face refletida no espelho. Em outra parede, como se encerrasse a

exposição, estão fixados objetos que retratam o cotidiano feminino das mulheres como blusas, colares, leque, anéis, calcinhas, lingerie, colher de pedreiro, sandálias. Parte do texto que apresenta a exposição diz:

Por meio das imagens de vinte e uma moradoras, a exposição retrata as Rosas, as Abadias, as Marias, as Nilzas, a Vanderlinas, as Jaciras, as Solanges, as Marias do Socorro, as Regianes, as Eulinas, as Candaces, as Fátimas, as Luzilenes, as Kellys, as Baianas, as Anas, as Ritas, as Lourdes, as Kátias, que sustentam suas famílias e constroem dia a dia esta cidade. São as catadoras, as recicladoras, as costureiras, as estudantes, as donas de casa, as professoras, as artesãs, as feirantes, as chefes de família. Mulheres que lutaram para fixar a Estrutural. Sem elas talvez esta cidade não existisse. Mulheres guerreiras que, ao comporem sua história pessoal, constroem a história coletiva da cidade.

Essas duas exposições são parte de um conjunto vasto de experiências que um grupo de estudantes, militantes, trabalhadores e moradores da Cidade Estrutural, DF, vem vivenciando nos últimos quatro anos, depois que resolveram abraçar o projeto Ponto de Memória. Um grupo diverso, numa cidade diversa, formando um caldo de interpretações, sentimentos, desejos, teorias, ideologias e sonhos. Mesmo assim, assumindo um único compromisso: construir o espaço e a vez da memória de quem construiu e constrói essa cidade. E é sobre essa cidade, a trajetória desse projeto e lugar da memória para essas pessoas que passaremos a falar.

A luta pela cidade e o lugar da memória na Estrutural

A Cidade Estrutural nasceu em Brasília em meados da década de 1960, ainda com um pequeno grupo de famílias, localizada próxima às regiões administrativas do Cruzeiro, Guará e ao Plano Piloto da capital federal. Entretanto, apesar da proximidade com o Plano, a cidade surgiu em razão e ao redor da área onde até hoje funciona o Lixão de Brasília, recebeu um grande contingente de pessoas até que se tornou uma cidade com uma população de cerca de 40 mil habitantes.

A cidade tem esse nome porque localiza-se às margens da DF-095, oficialmente denominada Estrada Parque Ceilândia (EPCL), mais comumente chamada de Via Estrutural, que foi construída no início da década de 1970. Antes disso, chegaram aqui Dona Vanda e Nenéu, conhecidos como os primeiros moradores da região. Quase dez anos depois, ainda que de forma lenta, o mesmo caminho começava a fazer parte da trajetória de vida de muita gente que ia chegando ao lugar, nessa época chamado de “Boca do Lixo”, como prova o cartão de vacinação da filha de Dona Lia.

Pessoas de origens e trajetórias diferentes, que entendiam e explicavam de forma diferente a vida naquele lugar. Apesar disso, naquele momento, a luta que tiveram que fazer para viver na Estrutural e não serem removidos dali, fez com se desenvolvesse uma relação interativa que depois viriam ser parte de uma mesma cidade, de experiências semelhantes e demandantes de um mesmo reconhecimento. Isso os levaria a resistir juntos, inclusive contra a repressão política e policial.

No caso da Estrutural, a solidariedade entre moradores não acontecia em razão de uma relação afetiva de imediato ou da identificação por uma história em comum, ao contrário, estavam claras as diferenças, mas a unidade necessária à luta pelo direito à moradia revelaria também uma visão de direito ao lugar compartilhada que se contrapunha ao discurso do governo e da mídia, por exemplo. Sendo inevitável, estar junto, ajudar mutuamente e compartilhar a luta por um direito comum, traz também a festa da vida junto: *“mais aí quando eles chegaram, a gente se misturamos, começaram fazer festa e a gente se misturou”*, como nos relata Fátima.

Nesse caminho de permanecer e construir a cidade, passarela, posto de saúde, água, luz e escola, são entendidos como conquistas, ainda que se considere a necessidade de recorrer a conversas e acordos informais com políticos profissionais. Ninguém se vê como simples beneficiários desses bens públicos. Ao contrário, todos se sentem participantes e demandantes das benfeitorias, não apenas porque pautaram o governo, mas também porque se organizavam

e agiam coletivamente para conseguir isso. Onde se fala em direitos conquistados, tenderíamos, por determinada perspectiva, a interpretá-los como nada mais que concessões interessadas. Na Estrutural, porém, entende-se a conquista como um processo de ampliação de um direito resultante da participação política. Contrariando o sentido geral de distribuição de direitos sociais, aqui eles são tomados à força. Independente dos caminhos formais de participação e contrariando a vontade de muitos outros, água, luz e passarela, são resultado de uma luta política.

A luta pelo direito à moradia, além de ser uma reação a um crescimento urbano excludente e concentrador de riquezas, próprio das metrópoles capitalistas, e a uma ordem desigual de reconhecimento de direitos, também era a luta pelo direito de morar na Estrutural, área privilegiada do Distrito Federal, de preservar e usufruir de tudo que se tinha construído e conquistado e de se afirmar que aquele também era lugar de quem vive e trabalha com o lixo.

A relação com o lixo não se limitava a uma questão de trabalho, não só porque imprimia um estilo de vida e uma relação com a natureza diferente, mas também porque implicava uma relação específica entre os moradores da cidade e com as outras cidades do Distrito Federal. A relação com o lixo tem a ver com o cotidiano da cidade, com o seu presente e também com suas perspectivas para o futuro, já que todo ano se renovam as promessas de fechamento do Lixão, o que atinge mesmo quem não trabalha mais *lá em cima*¹, situação da maior parte dos moradores da cidade. Esse futuro, que carrega uma expectativa comum de ter que ir embora um dia, mesmo com a regularização da cidade, é incerto, uma vez que a questão não tem a ver somente com as remoções forçadas dirigidas pelo governo, mas está relacionado com o trabalho, com a pobreza e com o resto da sociedade brasiliense, principalmente, com as cidades vizinhas.

O sentimento de não aceitação no lugar, ainda que acompanhado da ideia de luta e conquista, estão presentes também nas histórias sobre o Lixão e nas interpretações sobre as recentes mudanças

estruturais decorrentes do mercado imobiliário na cidade, que se somam às ações de remoções forçadas empreendidas pelo governo.

Apesar do menosprezo que dizem sentir por viverem na Estrutural, seus moradores também percebem um valor dado à cidade, as facilidades que oferece por ser bem localizada, cercada de lugares caros, e como isso a faz cobiçada. O fato do lixo ainda estar lá talvez seja um dos motivos para que ainda não tenham sido, de vez, arrancados dali. Como diz Creuza, o lugar é de rico, mas por enquanto os ricos não saberiam lidar com essa proximidade do Lixão, porque não é essa a história deles.

Junto com os rumores do fechamento do Lixão e a regularização da cidade, é fácil perceber que aumentou muito o número de interessados em comprar imóveis na Estrutural. A cidade está tomada de placas de venda de casas e ao mesmo tempo de construções de cômodos para aluguel, muitas casas são construídas com pelo menos um andar exclusivo para isso. Não significa necessariamente que as pessoas estejam indo embora, muita gente vende a casa e continua morando aqui de aluguel, e outras da própria cidade compram vários desses imóveis. Ou necessariamente que sejam pessoas de outros lugares chegando à cidade, já que muitos que vivem de aluguel são apenas novas famílias da própria cidade. Mas a questão aqui é: as pessoas têm associado essa movimentação exagerada do comércio de imóveis como parte de um processo que é de expulsão dos moradores da cidade que a construíram e a conquistaram, apontados, geralmente, como aqueles moradores mais antigos.

Junto com essa percepção, que não é só dela, Creuza fala de uma luta para preservar as raízes como sendo contrária a esse movimento de saída da cidade, como resistência a um movimento que se sente acontecer também com a compra e venda de lotes na cidade. Essa luta pela preservação das raízes se faz, segundo Abadia, há muito tempo e está presente desde o dia a dia do catador até a disputa política para contar a história da cidade.

Nas entrevistas e conversas realizadas no Ponto de Memória fica muito clara a importância dada ao fato de contar e guardar da forma mais fidedigna possível as experiências vividas. Existe inclusive

um receio prévio com pesquisadores universitários que aparecem querendo fazer da cidade objeto de estudo, segundo Abadia, principalmente porque, por diversas vezes, essas histórias foram contadas, mas nem sempre se tinha retorno dessas pesquisas, ou ainda porque muitas vezes as pessoas não se sentiram identificadas com o que era contado a respeito delas.

Tão clara é essa preocupação em preservar essas memórias, que, em 1998, um deputado distrital, organizou um acervo com vídeos, fotografias, cartuchos de balas e bombas que haviam sido guardados da Operação Tornado², e reuniu esse material numa casa que ocupou na cidade e deu o nome de “Museu do Sangue”. O museu, mesmo que fosse um museu particular e que hoje já esteja fechado, tornou-se, e ainda é, muito conhecido na cidade.

Abadia explica que não é porque a história retratada no museu seja toda a história da cidade, ou a mais importante, ou ainda a versão verdadeira dos fatos, que o Museu do Sangue tenha ganhado esse reconhecimento dos moradores da Estrutural, mas é porque na Estrutural entende-se a importância de contar o que se vive ou viveu, ainda que não se tenha toda clareza dos efeitos disso. Outro motivo, ela diz, é que o Museu do Sangue naquele momento fazia parte dos conflitos políticos da cidade, ele representava a versão da história de um grupo, mesmo que liderado por um deputado, um grupo da cidade, o que o fazia conhecido e referência inclusive para os seus adversários. Era reconhecido porque disputar a memória na Estrutural era também parte da política da cidade.

Ainda no final da década de 1990, Deuzani e Telma, que faziam parte do Círculo Operário do Cruzeiro³, iniciaram uma formação de alfabetizadores na cidade baseado no método de Paulo Freire. De acordo com essa metodologia, como atividade final do processo de alfabetização, os educandos deveriam escrever suas próprias histórias de vida. Do grupo formado, muitas turmas foram iniciadas e muitas histórias escritas, orientadas dessa vez por Antônio Francisco, Vanda e Nana, dentre outros moradores da cidade, alguns novos educadores. Anos depois, Abadia, que já estava acompanhada de outras educadoras populares, acabou encontrando parte desse

grupo e se juntando a ele, e em 2008 fundaram o Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (MECE).

Em 2009, Deuzani foi contatada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que estava dando início ao programa “Pontos de Memória” e queria consultar o MECE sobre a possibilidade de ter na Estrutural um projeto piloto do programa. A proposta do Ibram era escolher doze cidades ou bairros da periferia das grandes metrópoles para, junto com grupos locais organizados, incentivar a criação de Pontos de Memória. O MECE mobilizou alguns grupos da cidade para uma reunião com o Ibram para apresentação da proposta, entre eles a Associação VIVER e a Prefeitura Regional Comunitária (PRECES). Depois de bem recebida a proposta, o grupo inicial formado pelo MECE, pela Associação VIVER e pela PRECES, resolve executar o projeto na cidade e mobilizar outros moradores para participar do processo de construção do Ponto de Memória da Estrutural.

Abadia, Alessandra e Fernanda, que participavam desse primeiro grupo, nessa época faziam parte também do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) e da Marcha Mundial das Mulheres (MMM)⁴ e junto com o Ponto de Memória e o MECE, resolveram cotizar o aluguel da casa do irmão de Abadia que passaria a se chamar “Casa dos Movimentos”. O Ponto de Memória, apoiado por uma série de parceiros, realizou ali várias atividades de formação em museologia, organizou duas grandes exposições, algumas “Rodas de Memória”⁵, cursos de arte para jovens e adultos, dentre outras atividades, e tem colecionado um acervo com depoimentos, documentos, fotos e objetos coletados entre os moradores e considerados representativos sobre as histórias da cidade.

Depois que o Museu do Sangue foi fechado, principalmente por causa do afastamento do tal deputado da cidade, o Ponto de Memória tornou-se a principal organização voltada para as memórias coletivas e individuais da cidade. Como não poderia deixar de ser, pela natureza do trabalho que se propõe a fazer, o Ponto de Memória já foi motivo de muitos debates políticos.

De qualquer forma, por esses e outros debates que ainda provocam a cidade, a “verdade” sobre o que foi e é a história da Estrutural ainda é objeto de conflito político, e essa pode ser uma das provas que a cidade ainda está em processo de conquista: não está de uma vez encerrado o processo de remoção ou expulsão de seus primeiros moradores, como muitos alertam; nem também é irreversível esse processo diante da especulação imobiliária que chega de maneira assombrosa, como lamentam outros. Isso porque, só há disputas e conflitos sobre o passado, pois, de alguma forma, o presente e mais ainda o futuro não são dados em definitivo, pois como explica Santos (2009, p. 234):

A memória cristaliza-se quando seu objeto já não existe mais. É sempre uma recriação desse objeto e, como tal, guarda continuidades e diferenças em relação ao passado vivenciado a que se reporta. [...] O acervo museológico é sempre produto da atividade humana, da história, das relações de poder.

Contar essas histórias na Estrutural é também uma forma de dizer de quem é aquele lugar, mas não apenas isso, de dizer porque é ou porque deve ser. Ao mesmo tempo em que contar é estratégia para ficar, ficar é motivo para contar. Como defende Jacira, também do Ponto de Memória, a importância do lugar está em sua história: *“se todos nós moradores antigos vendermos nossos lote e sairmos, a nossa história de luta, de guerra e de conquista morre, quem viveu que sabe os detalhes... quem passou pelo sofrimento que realmente sabe o quanto é importante isso que nós temos aqui hoje”*.

Dessa forma, na Estrutural se faz política também ao se “eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável” e, diante das sempre presentes ameaças de expulsão, aqui também se entende que “preservar é ver antes o perigo de destruição, valorizar o que está em perigo e tentar evitar que ele se manifeste como acontecimento fatal” (CHAGAS, 2009, p. 165).

Ainda que se questione que o projeto Ponto de Memória tenha sido criado a partir de uma iniciativa do governo, não se pode esvaziar o sentido político que a proposta de preservação ganhou, ou já tinha,

na cidade. Além disso, esse sentido de defesa e preservação da cidade é, como diz Abadia, parte da vida de cada catador que todo dia traz para casa objetos, nem sempre em razão de uma utilidade imediata, mas às vezes como parte de uma coleção do que foi e é a Estrutural. O lixo, ao mesmo tempo é o motivo apontado para o desrespeito ao valor especial que tem a cidade, também se torna o orgulho e uma dimensão da luta por reconhecimento de memórias e de um papel social distinto que só foi feito na Estrutural.

Os moradores da Estrutural, ao terem que lidar com as dificuldades do trabalho no Lixão, com as discriminações fora da cidade por causa desse trabalho e da vida perto do lixo, encontraram na memória um ato intelectual de dotação de sentido. Para Abadia, o Ponto de Memória é a possibilidade de contar de forma crítica essa história, é a possibilidade de olhar para o que se viveu e poder fazer interpretações e avaliações. E, assim, o Lixão e os sofrimentos vividos na Estrutural por um processo político de uso da memória vão se tornando motivos de um tipo de orgulho por uma qualidade específica desse lugar, pelo que se exige reconhecimento e reparação.

Um inventário participativo e o significado “epocal” do Ponto de Memória da Estrutural

Desde o seu começo o Ponto de Memória tem a proposta de contar as histórias da Estrutural de acordo com a seleção e recorte de seus próprios moradores e, por isso, uma das principais preocupações tem sido preparar o espaço e a confiança necessários à escuta livre e aberta. Isso tem feito do Ponto de Memória da Estrutural uma unidade viva, que prioriza o ser humano em todos os sentidos, uma vez que têm por concepção reconstruir e fortalecer a memória social e coletiva da comunidade a partir de seus habitantes, de suas origens, histórias, lutas e valores.

Na Estrutural, o Ponto de Memória tem um projeto político pedagógico dinâmico e atua como agente de transformação social, sendo espaço de memória, desenvolvendo ações que buscam promover a cultura da localidade, voltando-se para o

desenvolvimento social e cultural. Ao ressignificar a memória, tem provocado movimentos diversos no campo das artes, promovendo uma cultura contra hegemônica: Editora Popular Abadia Catadora, Banco Comunitário da Estrutural e Biblioteca Comunitária.

A Editora Popular *Abadia Catadora* foi criada a partir da oficina de edição de livros oferecida por integrantes da editora argentina Eloisa Cartonera, em novembro de 2011. Surgia aí a primeira editora da Estrutural que, como sua congênera argentina, homenageava uma corajosa militante social da comunidade, que já trabalhara na reciclagem do lixo. A editora prepara seus livros de maneira artesanal, reaproveitando da melhor forma possível o papel que é descartado no lixo, sendo a confecção do livro finalizada com o trabalho de artistas locais que preparam suas capas, de forma que nenhum livro é igual ao outro e cada livro é, portanto, uma obra de arte.

O trabalho de mobilização comunitária promovido pelo inventário participativo também abriu portas para a criação do Banco Comunitário da Estrutural, que tem como moeda social a “Conquista”, com valor monetário apenas dentro da cidade. A moeda tem em suas cédulas imagens dessa história que vem sendo contada, de um passado e um presente que se vê construir. E, também do processo de dar valor ao guardado, ao que é juntado no decorrer da vida, veio o impulso para reinaugurar a Biblioteca Comunitária, que funcionará no térreo da casa de Abadia com os livros que sua família recolhe do Lixão desde 1993.

Segundo Cruz (2007), “o currículo do museu é a vida”, dessa feita é possível afirmar que o Ponto de Memória enquanto espaço de relação entre o homem sujeito e seu meio, faz a vida. Cruz (2007) ainda assevera que os acervos materiais e imateriais chegam aos museus “numa via do temporal”, sendo fundamental que seus agentes conheçam a origem dos acervos, o seu estágio atual e a sua “significação epocal”, uma vez que nesse processo há toda uma significação de ciência, que envolve “a cultura científica, a cultura filosófica e basicamente a cultura popular, considerada como “a primeira mão”, fazendo, por sua vez, a sustentação da

cultura”. Dessa forma, a função do Ponto de Memória, enquanto espaço de reflexão, parte do entendimento que os acervos culturais materiais e imateriais têm a dimensão do tempo, sendo necessário indagar continuamente com os seus participantes a “origem dos acervos, o seu estágio atual e a sua significação epocal”, conforme já preconizado por Cruz (2007)⁶.

Isso significa, em outras palavras, ser parte dos conflitos diários da cidade e servir para a luta diária de seus moradores. Depois de ter descoberto no IV Fórum Nacional de Museus que as histórias contadas na Estrutural poderiam ganhar espaço em um museu, Adoaldo Alencar, o Duda, resolveu usar a câmera que seu filho acabara de comprar para registrar o dia a dia da cidade sob o olhar do seu novo personagem, o repórter comunitário “Duda de Frente com a Comunidade”. Apesar do tempo empenhado para acompanhar as lutas da cidade, Duda tinha seus desafios diários para continuar a viver na Estrutural.

Duda construiu em uma chácara no Setor Santa Luzia, um grande viveiro de árvores do cerrado que impressiona a quem o visita. Plantas das quais sabe a origem e a idade, que compõe seu acervo natural a céu aberto, seu ecomuseu. Sua história até chegar ali sempre foi de luta. Depois de ter sido removido do primeiro lugar que ocupou, sob a alegação de estar em uma área de preservação ambiental, viu se erguer no lugar de sua antiga casa a “Cidade do Automóvel”, um setor exclusivo para grandes concessionárias do Distrito Federal. Por essa razão, foi o único chacareiro a resistir à última remoção da Santa Luzia, quando escreveu: *“Tirar os pobres da área nobre e ficar com o direito do pobre. Tirar os pobres das áreas de riscos e fazer moradas de ricos. Tirar os pobres das áreas ambientais, para não contaminar os vossos quintais. Isto é antigo. É preciso que se esclareça esta situação”*.

Ainda ficou alguns anos em sua chácara, mais do que se podia acreditar. Mas, recentemente, Duda sofreu o golpe mais duro: com a área abandonada pelo Estado e tomada por novos moradores, sua chácara foi totalmente saqueada e ocupada, sem que dispusesse de qualquer proteção a seu direito. A única lembrança, e agora também

“arma” de luta, que Duda dispõe, são as filmagens feitas pelo grupo do Ponto de Memória de sua chácara. Acervo que, nesse momento, constituem provas de sua história e de tudo que construiu.

A preservação abrange ações de salvaguarda do patrimônio cultural, seja este material ou imaterial. No Ponto de Memória da Estrutural, com a história de Duda e tantas outras, as diversas manifestações culturais, ora em repouso ora reveladas, encontram lugar, pois em sua maioria são decorrentes da teia de relações configuradas e reconfiguradas a partir de histórias de vida que certamente não tiveram seu início aqui no Distrito Federal, mas que hoje se estabeleceram a partir de muita resistência, caminhos e silêncio. Aqui, não apenas se coletam objetos, imagens, depoimentos, mas em contexto, registra-se, conserva-se, dando sentido ao acervo e de certa forma, através da pesquisa, ressignifica-se e redimensionaliza-se memórias no tempo, no espaço e na cultura. E só nessa relação do significado e significante devidamente contextualizado e em luta é possível compreender a função social do Ponto de Memória e sua contribuição para a Estrutural. Coisas para lembrar e coisas para esquecer, nas referências de Abadia, que também é costureira: *“Uma colcha de retalhos, costurada por vários sotaques, isto é esta comunidade. A conquista do espaço que é a nossa cara. Possibilidades de um futuro que não desenhamos, mas o que temos”*.

Notas

* Trata-se de um coletivo que envolve diversos moradores da comunidade da Estrutural, em Brasília (DF).

1 O acúmulo de lixo na mesma região durante os últimos quarenta anos, fez com que o Lixão alcançasse uma altura de aproximadamente 40 metros de altura em relação à cidade, fora a quantidade de lixo acumulada embaixo da terra, então, pela altura, comumente a expressão “lá em cima” substitui “Lixão”, outras vezes, usa-se “aterro” ou “reciclagem”. Além disso, existem as denominações dos diferentes espaços e materiais dentro do Lixão, como “carrefa” (em referência à rede Carrefour), onde é jogado o lixo vindo dos supermercados, ou “separação”, onde depois de selecionado, o lixo é separado por cor e material para ser mandado para a reciclagem.

2 Em 1998, o Governo do Distrito Federal realizou na Estrutural uma operação de retirada dos novos ocupantes com 3 mil policiais da tropa de choque. A partir daquele momento foi reforçado o policiamento na Estrutural, iniciando um período de vigilância e conflito que marcaria definitivamente a história da vida de quem morava na cidade na época. Essa operação foi chamada pela polícia de “Operação Tornado”.

3 O Círculo Operário do Cruzeiro (COC) é uma organização ligada à Confederação Brasileira

de Trabalhadores Circulistas, que, por sua vez, é uma derivação da Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNOCC), fundada em novembro de 1937. O COC fica localizado no Cruzeiro, cidade vizinha à Estrutural, e realiza atividades culturais e políticas principalmente nas duas cidades.

4 “A Marcha Mundial das Mulheres nasceu no ano 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência. [...] Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a partir da base e as alianças com movimentos sociais”. Disponível em: <<http://marchamulheres.wordpress.com/mmm/>>.

5 Lanches ou cafés organizados com moradores da cidade e convidados para falar sobre a história da cidade no formato de uma roda de conversas.

6 Palestra Proferida por Maury Rodrigues da Cruz, na Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, em 2007, por ocasião do evento Panorama do Patrimônio Cultural Paranaense na Contemporaneidade Desafios e Tendências gravada e autorizada pelo autor.

Referências

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CRUZ, M.R. **Palestra: Panorama do Patrimônio Cultural Paranaense na Contemporaneidade Desafios e Tendências**. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2007.

SANTOS, M. S. Memória e narrativas nacionais. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; DIAS, C. C. M. G. (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

Recebido em 9 de março de 2014.

Aprovado em 21 de abril de 2014.

Abstract

The present article describes the museal experience materialized by the activities carried out in the Memory Point of Cidade Estrutural, located in the Federal District, by means of exhibitions, interviews, “memory circles” which are registered and re-presented starting from its residents’ narratives. They present historical aspects of the city, the fights, the conquests, the resistance and the importance of cultural Memory as an instrument of reflection, citizenship and culture.

Keywords: Memory Point. Cidade Estrutural. Fight. Resistance. Federal District. Social. Museology.